

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

DIRLENE APARECIDA COELHO CARVALHO

**DE AMOR E AMIZADE: UM ESTUDO SOBRE A CRÔNICA EM CLARICE
LISPECTOR**

JARDIM – MS

2016

DIRLENE APARECIDA COELHO CARVALHO

**DE AMOR E AMIZADE: UM ESTUDO SOBRE A CRÔNICA EM CLARICE
LISPECTOR**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Susylene Dias de Araújo.

JARDIM

2016

DIRLENE APARECIDA COELHO CARVALHO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**DE AMOR E AMIZADE: UM ESTUDO SOBRE A CRÔNICA EM CLARICE
LISPECTOR**

APROVADO EM ____/____/____

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araujo
Curso de Letras UEMS – Jardim

Prof. Me. Céllia Fernanda Pietramale Ebling
Examinador

Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira
Examinador

CARVALHO, Dirlene Aparecida Coelho.

De Amor e Amizade: um Estudo sobre Crônica em Clarice Lispector/
Dirlene Aparecida Coelho Carvalho. Jardim: UEMS, 2016. 43p.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês –
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Clarice Lispector

2. Crônica

3. Amor e Amizade

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia(s) deste trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Dirlene Aparecida Coelho Carvalho

“Mas há a vida que é para ser intensamente vivida, há o amor. Há o amor. Que tem que ser vivido até a última gota. Sem nenhum medo. Não mata.”.

(Clarice Lispector, 2011)

Dedico este trabalho a minha filha, Maria Clara, companheira em todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que nunca me abandonou em todos os dias da minha vida.

Aos meus pais pela dedicação, educação e amor que foram decisivos para que me tornasse quem sou hoje.

À minha filha que esteve ao meu lado durante os quatro anos do curso, e até que encerrasse este trabalho, sempre com palavras de incentivo.

Aos meus irmãos, pela ajuda necessária, enfim a toda minha família pelo carinho e compreensão.

Aos professores do curso de graduação em Letras da UEMS em Jardim: com os quais aprendi muito.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª Susylene Dias de Araujo, pela contínua orientação e incentivo, não permitindo que eu desistisse.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito uma leitura analítica da seleção de crônicas de Clarice Lispector, tendo como base a temática do amor e da amizade. Para o desenvolvimento dessa análise, apresentamos alguns registros biográficos da escritora. Na seqüência, foi feito um estudo teórico sobre algumas concepções do gênero textual crônica de modo geral e especificamente no Brasil. Em seguida, uma apresentação da temática e das crônicas escolhidas: “Liberdade”, “Lúcio Cardoso”, “As grandes punições”, “Por causa de um bule de bico rachado”, “Amor imorredouro” e “O primeiro beijo” que estão na coletânea Clarice Lispector: *Crônicas para jovens – de amor e amizade*, da editora Lendo e Aprendendo, publicada em 2011. Na finalização do trabalho foram realizadas as análises identificando os temas abordados e algumas características da narrativa e da escrita da autora.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Crônica; Amor; Amizade.

ABSTRACT

This work aims an analytical reading of the selection of chronic Clarice Lispector, based on the theme of love and friendship. For the development of this analysis, we present some biographical records of the author, it was a theoretical chosen chronicles: “Liberdade”, “Lúcio Cardoso”, “As grandes punições”, “Por causa de um bule de bico rachado”, “Amor imorredouro” and “O primeiro beijo”. Continuing the work was performed the analysis identifying the themes and some narrative features and writing the author.

Keywords: Clarice Lispector; Chronicle; Love; Friendship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I	
1. REGISTROS BIOGRÁFICOS DE CLARICE LISPECTOR.....	12
1.1. Breve apresentação da obra e do estilo literário da autora.....	15
CAPÍTULO II	
2. CONCEITO DE CRÔNICA.....	18
2.1. O gênero crônica no Brasil.....	20
CAPÍTULO III	
3. CLARICE LISPECTOR: A CRONISTA DO AMOR E DA AMIZADE.....	23
3.1. Sobre a amizade.....	24
3.1.1. Sobre a amizade em Clarice Lispector	27
3.2. Sobre o amor.....	30
3.2.1. Sobre o amor em Clarice Lispector.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS.....	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como principal objetivo analisar algumas crônicas de Clarice Lispector, publicadas no livro *Crônicas para jovens: de amor e amizade*, organizado por Pedro Karp Vasquez publicado pela editora Lendo e Aprendendo em 2011. Para isso, foi necessário um estudo acerca do gênero abordado e da obra da escritora.

Este estudo compreende três capítulos. No primeiro capítulo será reverenciada a vida e a obra de Clarice Lispector, seguida de algumas características da obra e do estilo literário da autora.

No segundo capítulo, o objetivo é conceituar o gênero textual crônica, mostrando suas características e evolução através dos tempos. Em seguida, apresentar como a crônica se desenvolveu no Brasil desde o descobrimento até os dias atuais.

A temática do amor e da amizade é de grande relevância nas crônicas escritas por Clarice Lispector, assim como em sua obra como um todo. Então surge a importância do terceiro capítulo, no qual será analisado um conjunto composto por seis crônicas, a partir de alguns conceitos filosóficos do amor e da amizade. Nas crônicas selecionadas “Liberdade”, “Lúcio Cardoso”, “As grandes punições”, “Por causa de um bule de bico rachado”, “Amor imorredouro” e “O primeiro beijo”, além de identificar a temática, buscamos características comuns à escrita de Clarice Lispector, conforme apresentaremos.

Nas considerações finais, apresentamos uma reflexão sobre a temática, nos fazendo perceber o quanto o amor e amizade, temas antigos e caros na história da humanidade se fazem renovados pela linguagem particular de Clarice Lispector.

CAPÍTULO I

REGISTROS BIOGRÁFICOS DE CLARICE LISPECTOR

Segundo Nádia Battella Gotlib no site IMS (Instituto Moreira Salles)¹ Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, até então pertencente à Rússia, em 10 de dezembro de 1920, recebeu o nome de Haia Lispector no batismo. A família Lispector decide emigrar para a América devido às constantes guerras internas, que geravam miséria e fome. Chegam à Maceió (Alagoas) em março de 1922, foram recebidos por familiares que lá residiam, assim que se estabeleceram na nova moradia mudaram seus nomes: Pinkouss (pai) para Pedro; Mania (mãe) para Marieta; Leia (irmã) para Elisa; e Haia passaria a se chamar Clarice, somente Tânia permaneceu com o mesmo nome. A princípio, o pai de Clarice trabalhou como mascate, vendendo mercadorias que o concunhado financiava, e logo depois na fábrica de sabão que o mesmo parente criou, para aproveitar as técnicas que aprendeu durante a viagem para o Brasil.

Em 1925, a família muda-se para Recife (Pernambuco), Pedro descontente com a situação resolve adquirir sua independência financeira. Passam a morar no bairro da Boa Vista, uma comunidade judaica, vivendo de maneira modesta. O pai de Clarice volta a trabalhar como mascate, vendendo roupas. Com sete anos de idade inicia os estudos no Grupo Escolar João Barbalho, onde aprendeu ler. Em 1930, matriculou-se no Colégio Hebreo-Idisch-Brasileiro, onde termina o terceiro ano primário.

A mãe de Clarice sofria com uma paralisia e veio a falecer em 21 de setembro do mesmo ano, aos 41 anos de idade. No ano seguinte o pai da escritora inscreve-a no Ginásio Pernambuco, onde um ano depois é aprovada no exame de admissão. Em 1934, muda-se para o Rio de Janeiro com o pai e as irmãs. Em 1936, concluiu o ginásio no Colégio Silvio Leite, posteriormente fez um curso complementar para ingressar na faculdade e também dava aulas particulares de Língua Portuguesa e Matemática para ajudar na renda familiar, aprendeu inglês e datilografia, durante esse período leu vários livros numa biblioteca de aluguel perto de sua casa.

De acordo com Nádia, no ano de 1939 Clarice inicia o curso superior na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, durante esse período trabalhou como

¹ Cf: www.ims.com.br. Acesso em: 15 de jul. 2015, às 14 h e 15min.

secretária em um escritório de advocacia e em um laboratório, fez traduções de textos científicos para revistas. O pai de Clarice faleceu no próximo ano, aos 55 anos de idade, por causa de uma cirurgia de vesícula que não deu certo. A partir de então a escritora passou a morar com a irmã mais velha que já havia se casado.

Ainda nesse período, Clarice procura emprego no Departamento de Imprensa e propaganda (DIP), órgão este do governo Getúlio Vargas, foi encaminhada para o cargo de tradutora, porém não havendo vaga passa a desempenhar a função de redatora e repórter da Agência Nacional, aí começa sua carreira no jornalismo. Na redação convive com alguns veteranos, é então que conhece Lúcio Cardoso, de quem se tornara grande amiga. Com seu primeiro salário comprou o livro *Bliss - Felicidade*, de Katherine Mansfield, traduzido por Érico Veríssimo.

Segundo Nádía, durante o período que estava na Faculdade de Direito Clarice cursou antropologia brasileira e psicologia, na Casa do Estudante do Brasil, e ainda publica na imprensa tanto textos jornalísticos como literários. Em 12 de janeiro de 1943, a escritora conseguiu a naturalização brasileira e em 23 de janeiro se casou no civil com o colega de faculdade, Maury Gurgel Valente. Ainda neste ano conseguiu sua carteira profissional do Trabalho, Indústria e Comércio, registrada como redatora do jornal *A Noite*, onde trabalhava desde fevereiro. Termina o curso de Direito, mas não chega a colar grau, pois precisam se mudar para Belém do Pará, onde o marido passará ser vice-cônsul, como agente de ligação entre o Ministério das Relações Exteriores e autoridades estrangeiras, residentes ou em trânsito, onde permaneceram por cerca de seis meses. Volta ao Rio de Janeiro por um curto período e passa a viver na Europa e Estados Unidos por aproximadamente dezesseis anos, entre intercalados regressos ao Brasil.

No ano de 1945, intensifica as relações com seus amigos que ficaram no Brasil por meio de cartas e estes lhe enviavam livros e notícias. No mesmo ano, Clarice prestou serviços a um hospital americano, dando assistência aos brasileiros feridos na guerra. No ano seguinte veio ao Brasil, onde permaneceu por três meses e então retornou a Itália. Seu marido é removido para Berna, na Suíça, e o casal se muda, indo morar em uma fazenda que Clarice diz não se adaptar nas cartas escritas as suas irmãs. Durante este período troca correspondências com Lúcio Cardoso, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, que enviam notícias sobre a vida política, social e intelectual no Brasil.

O ano de 1948, como afirma Nádía, se inicia com a notícia de que a escritora esperava seu primeiro filho, Pedro que nascera no dia 10 de setembro. No próximo ano, novamente seu marido é removido, desta vez para a Secretaria de Estado do Rio de Janeiro, então Clarice

concretizaria seu grande desejo de retornar ao Brasil, mesmo sem saber quanto tempo permaneceriam no país. Após um período curto vivendo no Rio de Janeiro, a escritora vai para a Inglaterra, mais uma vez por motivo de trabalho do marido, onde ficaria por cerca de seis meses e retornaria ao Brasil.

Em 1952, Clarice e seu marido Maury colam grau na faculdade de direito, adiada pelas sucessivas viagens do casal. Um mês depois a autora descobre sua segunda gravidez e que mais uma vez teria que sair do país, indo desta vez para os Estados Unidos, onde permaneceriam por aproximadamente sete anos, vindo apenas algumas vezes ao Brasil neste período. No dia 10 de fevereiro de 1953 nasce Paulo, o segundo filho de Clarice, em Washington. Separou-se do marido, depois de algum tempo de crise conjugal e voltou para o Brasil (Rio de Janeiro), em 1959, com os dois filhos. Ficam um mês na casa de sua irmã Tania. A família passa a receber uma mesada, mas Clarice começa a colaborar com imprensa para aumentar os rendimentos, pois objetiva comprar um apartamento. Somente em julho de 1964 sai o desquite de Clarice e Maury, mas foi em novembro que o juiz profere a sentença que daria fim ao processo de separação do casal. Em 1963, Clarice realiza o sonho de comprar seu próprio apartamento e muda-se para lá em 1965.

Ainda de acordo com Nádia, em setembro de 1966 um incêndio no quarto do seu apartamento, causado por um cigarro aceso, mudaria definitivamente a vida de Clarice, que ficou gravemente ferida. A mão direita da escritora foi a parte do corpo mais afetada com queimaduras de terceiro grau, correndo o risco de ser amputada, mas recebeu enxerto com pele do abdômen, passou por fisioterapia para recuperar os movimentos, que ficaram comprometidos dificultando a escrita. Apesar das cicatrizes profundas, recuperou-se fisicamente, entretanto, entrou num estado depressivo.

Em 7 de dezembro de 1967 A escritora passa a integrar o Conselho Consultivo do Instituto Nacional do Livro, órgão do Ministério de Educação e Cultura, que selecionava obras para serem editadas. Em 1968, Clarice participa da passeata carioca contra a ditadura, com aproximadamente trezentos manifestantes, entre eles intelectuais e artistas.

Segundo Nádia, no ano de 1969 o filho de Clarice Paulo vai para os Estados Unidos participar de um programa de intercâmbio cultural, onde fica por um ano e seu filho Pedro passava por tratamento psiquiátrico, ficando internado por um ano. Em 1970, Clarice conhece Olga Borelli, com quem cria uma amizade sólida, durando até o fim da vida da escritora. Quatro anos depois a escritora sofre mais um acidente, seu cachorro de estimação lhe morde o rosto, precisando fazer uma cirurgia plástica e aproveitou a ocasião para fazer

mais uma cirurgia na mão ferida no incêndio. Ainda no mesmo ano seu filho Pedro vai morar em Montevideu com o pai, que se torna embaixador do Brasil no Uruguai.

No ano de 1977, a escritora sofre com uma obstrução intestinal, sem comprovada origem, é submetida a uma cirurgia, na qual é detectado um câncer de ovário irreversível, condenando-a a poucos meses de vida. Contudo, a doença não foi revelada a escritora e, durante o período que permaneceu internada estava sempre acompanhada de amigos e da família.

Ainda segundo a autora dessa cronologia, Nádya Battella Gotlib, Clarice faleceu em 9 de dezembro de 1977, véspera do seu aniversário, às dez horas, uma sexta-feira, sendo sepultada no dia 11 domingo, respeitando as leis judaicas do shabat.

1.1. Breve apresentação da obra e do estilo literário da autora

Clarice Lispector, desde que aprendeu a ler começou escrever. Em 1931, enviou a vários contos para a seção “Diário” das Crianças do Diário de Pernambuco, que não foram publicados pela razão que as histórias não falavam de “fatos”, mas de “sensações”. Quando criança já escrevia sobre os sentimentos, o íntimo das personagens, deixando para traz as historinhas infantis que iniciavam com a tão usada expressão “Era uma vez”.

Segundo registros, a escritora teve seu primeiro texto publicado em 25 de maio de 1940, na revista semanal PAN, um conto com o título de “Triunfo”, texto este que relata as dificuldades do relacionamento amoroso (sensações de uma mulher que, abandonada pelo marido descobre sua força interior na sua própria solidão), temas que se tornam recorrentes na obra da autora. A produção da escritora se intensificou após a morte de seu pai, ainda no mesmo ano, a revista Vamos Ler, editada por Raimundo Magalhães Júnior, e pertencente ao grupo A Noite publica “Eu e Jimmy”, tendo como tema principal as relações afetivas, escreveu ainda “A fuga”, “História interrompida”, “O delírio”. No ano de 1941, a autora escreveu vários textos jornalísticos e literários, entre eles: “Trecho”, “Cartas a Hermengardo”; e também escreveu outros contos que foram posteriormente publicados em *A bela e a fera*, “Gertrudes pede um conselho”, “Obsessão” e “Mais dois bêbedos”.

Trabalhou como redatora no jornal A Noite, onde teve seu primeiro registro profissional. Foi colaboradora da Revista Manchete por um ano, publicando suas entrevistas na seção Diálogos Possíveis com Clarice Lispector. Colaborou também com a revista A Época, revista dos estudantes da faculdade, escrevendo dois artigos: “Observações sobre o

fundamento do direito de punir” e “Deve a mulher trabalhar?” em ambos expressava sua visão de mundo, lembrando que estes foram escritos em plena ditadura militar. Como cronista começou a atuar na revista *Senhor*, em 1962 e no *Jornal do Brasil*, em 1967, no qual escrevia uma coluna semanal no Caderno B, que ajudou a consolidar e passou a circular aos sábados. Durante o período que a autora permaneceu nesse jornal escreveu textos como crônicas, cartas, entrevistas, poemas, bilhetes, buscando sempre interagir com o leitor, esperando sempre que a palavra lhe causasse alguma conseqüência e posteriormente uma reação causada por ela, e não apenas narrar fatos.

Em 1943, publicou o romance *Perto do Coração Selvagem*, além de escrever vários contos para o jornal *A Noite*, este foi um ano bastante produtivo no campo intelectual. Em 1946, publicou *O Lustre* (romance) e três anos depois lança *A Cidade Sitiada* (romance). Porém o último não fez muito sucesso fazendo com que Clarice se dedicasse ao conto mais uma vez, publicando-os na coleção Caderno de Cultura. Além dessas obras, foram publicadas *Alguns Contos* (1952), *A Maça no Escuro* (1961), *Laços de Família* (1962), *A Legião Estrangeira* (1964), no mesmo ano *A Paixão Segundo G.H.*, *Uma Aprendizagem* ou *Livro dos Prazeres* (1969), *Felicidade Clandestina* (1971), *Água Viva* (1973), *A Hora da Estrela* (1977), e pouco tempo antes de sua morte começa a escrever *Um Sopro de Vida*, além das publicações de obras póstumas como o livro de crônicas *Para não esquecer* (1978), o livro de contos *A bela e a fera* (1979) e mais um de crônicas *A descoberta do mundo* (1984).

Clarice Lispector se consolida como escritora na era modernista, mais precisamente na década de 40. No modernismo duas correntes se formam na ficção brasileira, segundo Afrânio Coutinho (2004, p. 266), Lispector pertencia a corrente psicológica e de análise de costumes, o homem diante de si mesmo e de outros homens, preocupada com problemas de conduta, dramas de consciência, meditações sobre o destino, indagações acerca dos atos e suas motivações, em busca de uma visão da personalidade e da vida humana.

Podemos identificar especificamente na obra da autora uma proximidade entre prosa e poesia, histórias com visão de mundo com foco principal no ser humano, além disso, seus textos apresentam síntese e força expressivas típicas da poesia, sendo assim não narram apenas histórias, mas transmitem emoção, esta que atinge em cheio o seu leitor.

Coutinho (2004, p. 277) afirma ainda que, Clarice Lispector, é a tentativa de valorizar os produtos do sonho e da fantasia, na criação de uma atmosfera sem densidade real, mas de forte conteúdo emotivo e linguagem metafórica, fugindo assim para variedade de realismo mágico.

Os momentos que marcaram sua vida transformam-se em temas de muitos de seus contos e crônicas. No período em que escreveu crônicas para o Caderno B, do Jornal do Brasil, surge a preocupação da autora de tornar muito pessoal. Embora tentasse fugir das recordações dos momentos de sua vida, não conseguia, muitas vezes escrevendo textos autobiográficos. Em suas crônicas, particularmente, a autora fala dos seus sentimentos, da sua infância, da sua vida cotidiana e também de fatos destacados no jornal, desta maneira Clarice expressou as inquietações e momentos de felicidade comum à maioria das pessoas.

Outro aspecto importante é que apesar de Clarice ter surgido como escritora numa época em que a literatura regionalista e de denúncia social era maioria, seus textos enfatizam o ser humano, suas angústias e questionamentos existenciais, com um vocabulário simples, o que não desfaz todo o mistério que gira em torno de sua obra.

CAPÍTULO II

Conceito de crônica

Nesse capítulo faremos algumas considerações sobre o gênero crônica a partir das definições apontadas por alguns teóricos como Antonio Candido, Davi Arrigucci Junior, Jorge de Sá, Afrânio Coutinho e Massaud Moisés. Tal inserção será necessária para que possamos, no terceiro capítulo, com procedimentos de análise referenciar a obra clariceana.

A palavra crônica sofreu algumas modificações quanto ao seu significado e designação desde o início da era cristã até a atualidade. Segundo Massaud Moisés (1978, p. 245), crônica vem do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, uma relação dos acontecimentos seguindo uma sequência cronológica, sem especificar as causas ou tentar interpretá-las. A princípio era apenas o registro de fatos reais, não apresentava comentários, tão pouco expressava sentimentos, ou expunha ideias, foi muito utilizada para representar acontecimentos históricos, sendo considerada uma precursora da historiografia moderna. Nessa mesma perspectiva, Davi Arrigucci Júnior argumenta que:

Na acepção histórica, o cronista é um narrador da História [...] ao narrar os acontecimentos, assemelha-se ao seu duplo secular, ao narrador popular de casos tradicionais, pela memória, resgata a experiência vivida nas narrativas que integram a tradição oral e às vezes se incorporam também à literatura culta. Como este, o cronista era um hábil artesão da experiência, transformador da matéria-prima do vivido em narração, mestre na arte de contar histórias. (ARRIGUCCI, 1987, p. 52)

Muito diferente do que vemos hoje, esse gênero textual apenas relatava fatos reais ocorridos em narrativas contadas na oralidade, não demonstrava a subjetividade do autor.

Com o passar dos anos e a transformação da sociedade, a definição de crônica também sofre mudanças, perde o sentido histórico, assumindo assim o sentido literário, em que deixa de narrar fatos cronológicos para relatar o cotidiano. A partir de então passa a ser difundida na imprensa, aderindo ao jornal no registro do dia-a-dia.

Para que possamos entender melhor o gênero estudado neste capítulo, é importante que façamos uma reflexão anterior sobre o jornal, pois é neste contexto que a crônica tem seu reconhecimento. Massaud Moisés (1978, p.246) afirma que no jornal são encontradas duas categorias de textos lingüísticos: “o que cumpre as funções de informar os sucessos do dia e o que não se prende, em geral, ao vai e vem do cotidiano. Transferindo o foco analítico para o

autor do texto, observa-se que uma coisa é escrever *para* o jornal, e outra, bem diversa, publicar *no* jornal.” Os textos escritos, exclusivamente para o jornal, perdem sua validade assim que o dia termina, sendo esquecidos e dando espaço a um novo no dia seguinte. São alguns deles: reportagens, notícias e editoriais. Os textos, publicados no jornal, cuja fonte é o cotidiano, utilizam este meio de comunicação, entre outros, apenas como veículo de divulgação. Citamos como exemplo: ensaio, poema, artigo crítico, conto, romance, peça de teatro. Contudo, quando um escritor literário publica sua obra no jornal sabe que o leitor sempre dará prioridade para as notícias, e usa este meio apenas como propagação.

Ambígua, duma ambiguidade irreduzível, de onde extrai seus defeitos e qualidades, a crônica move-se entre ser *no* e *para* o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida no jornal ou revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquele em que, apesar de fazer do cotidiano o seu hùmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. (MOISÉS, 1978, p.247)

Neste sentido, a crônica difere-se de gêneros textuais citados anteriormente, sendo que pode ser escrita para o jornal, e publicada no jornal.

A crônica aparece primeiramente no jornal, absorvendo seu lado efêmero, sem ter a pretensão de durar. Antonio Candido (1992, p.14) faz uma observação bastante interessante a respeito disso, segundo ele, “a crônica é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão de pressa”. Desta forma, o gênero publicado no jornal é habitualmente lido entre uma notícia e outra, ou nos intervalos do dia, além disso, a produção da crônica, muitas vezes, acontece na correria com que se faz o jornal, pois o cronista dispõe de pouco tempo para escrever seu texto, precisando então de um ritmo acelerado, apesar disso, os fatos não são copiados e sim recriados com toda ficcionalidade necessária.

Sendo assim, observamos a importância da brevidade desses textos, que além de pouco tempo para a produção, não dispunham de muito espaço para publicação, que normalmente era de aproximadamente meia coluna de jornal ou uma página de revista.

Ainda de acordo com o teórico Antonio Candido (1992, p.14), o gênero crônica “por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. Um cronista pode até

não alcançar o mesmo reconhecimento que um romancista alcança com sua obra, mas garante uma intimidade com seu leitor.

Diante do novo contexto de crônica, a linguagem é mais leve e comunicativa, aproximando o leitor através da oralidade, dando a impressão de uma conversa entre amigos, para tratar de assuntos do cotidiano. Não nos esquecendo do tom humorístico e poético que absorvera com o tempo. Tanto um quanto o outro, entendemos assim como Jorge de Sá seria “uma válvula de escape”, para amenizar e ajudar a suportar as pressões do dia-a-dia do povo brasileiro, cada um a sua forma.

Sendo assim, este gênero é considerado mais simples que o romance, a poesia e outros, mas apesar disso possui seu valor inquestionável, transformando a simplicidade em grandeza, com uma beleza fantástica que encanta seus leitores. Com sua sintaxe muito próxima da oralidade nos dá a impressão de uma espécie de diálogo entre o escritor e o leitor, equilibrando o coloquial e o literário.

Segundo Jorge de Sá (2002, p. 18), “os próprios jornais conferem ao cronista a missão de colocar a vida no exíguo espaço dessa narrativa curta, que o risco de ser sufocada pelas grandes manchetes, ou confundir-se com o contexto da página em que é publicada. Daí a necessidade de transferi-la do jornal para o livro.” Com esta mudança de meio de publicação, o cronista passa a selecionar os melhores textos, seguindo uma sequência cronológica e temática para dar mais unidade a crônica, dando prioridade as que julgar aptas a enfrentar o tempo sem perder o seu valor literário.

O leitor do jornal tem outro foco, mais preocupado com as notícias, lê muitas vezes, não se atendo ao devido valor desse texto; enquanto que o leitor do livro é mais reflexivo, escolhe o assunto sobre o que quer ler, e também o lugar onde essa ação será desenvolvida. Contudo, segundo Jorge de Sá (2002, p. 85) “a atitude diante do texto é que não muda”. A crônica publicada no livro dará ao seu leitor mais liberdade para um estudo mais aprofundado, ocasionando uma grande intimidade entre autor, leitor e obra.

2.1. O gênero crônica no Brasil

A crônica surge no Brasil no século XVI, com a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel, segundo Jorge de Sá (2002, p.5), é uma criação de cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios, seguindo sempre fiel às circunstâncias. Desta maneira, esse teórico afirma que a Literatura Brasileira nasceu da crônica, a partir da circunstância do descobrimento.

Contudo, para alguns teóricos, como Antonio Candido, a crônica surgiu no Brasil como folhetim, quando o jornal tornou-se relativamente acessível, em meados do século XIX. Conforme o teórico acima citado, (1992, p. 15), “até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”.

Ainda nesta perspectiva, Jorge de Sá (2002, p. 8) define folhetim como “uma seção quase que informativa, um rodapé onde eram publicados pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo, enfim, que pudesse informar os leitores sobre acontecimentos daquele dia ou daquela semana”. As publicações dos folhetins abrangiam diversos assuntos como políticos, sociais, artísticos, literários.

Os escritores que mais se destacaram durante o período folhetinesco foram Machado de Assis, Francisco Otaviano, Olavo Bilac “considerado o mestre da crônica leve” e José de Alencar, este último escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Davi Arrigucci Junior nos dá a seguinte contribuição sobre a obra cronística machadiana:

“Machado de Assis se afina pelo tom menor que será, daí para frente, o da crônica brasileira, voltada para as miudezas do cotidiano, onde acha a graça espontânea do povo, as fraturas expostas da vida social, a finura dos perfis psicológicos, o quadro de costumes, o ridículo de cada dia e até a poesia mais alta”. (ARRIGUCCI, 2001, p. 59)

As crônicas machadianas relacionam história e ficção, com a intenção de retratar a natureza e o desenvolvimento da sociedade em que vivia.

Para Jorge de Sá, quem deu grande contribuição também para o folhetim foi Paulo Barreto, escritor cujo pseudônimo era João do Rio, este percebeu que a modernização exigia mudança de comportamento dos escritores do gênero, sendo assim, modificou a linguagem e estrutura do folhetim, construindo uma nova sintaxe, dando características mais literárias, como por exemplo, chegava mesmo a inventar personagens para dar um toque mais ficcional.

Ao longo do tempo, como observou Antonio Candido (1992, p.15), “aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje”. Deixou aos poucos a intenção de informar para divertir, passando por essas e outras mudanças tornou-se o que conhecemos como crônica literária brasileira.

A partir de então, a crônica moderna consolidou-se no Brasil, com um número sempre crescente de escritores e jornalistas, entre eles: Mário de Andrade, Machado de Assis, Oswald

de Andrade, Raquel de Queiroz, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Alcântara Machado, Rubem Braga, entre outros, este último voltado essencialmente ao gênero.

Ainda sobre os cronistas modernos, Davi Arrigucci Júnior (2001, p.62), “Se alguma coisa em comum possuem escritores tão diferentes entre si é, no plano expressivo, a decisiva incorporação da fala coloquial brasileira, que se ajustava perfeitamente à observação dos fatos da vida cotidiana, espaço preferido da crônica, por tudo cada vez mais comunicativa e próxima do leitor.”, características essas que permanecem até a atualidade, além destas, cada escritor tem uma forma particular de imprimir sua obra.

A crônica teve que se adequar a realidade brasileira, experimentando uma linguagem ainda mais livre e flexível, alcançando o grande público dos jornais. Muitas crônicas foram escritas durante o movimento modernista, por autores que já eram reconhecidos por outras obras de gêneros diferentes, como poesia e ficção.

A crônica é um gênero que sempre relacionou a criação literária, o estilo do autor, com a atualidade. Na era da globalização, onde praticamente tudo se encontra no “mundo” virtual, com a divulgação da crônica não poderia ser diferente. Os escritores publicam seus textos em blogs, revistas e jornais on line, redes sociais, entre outros. Com isso, garantem o acesso à sua obra por número maior de leitores. A facilidade de acesso também traz alguns problemas graves, um deles é que não sendo de fonte confiável não podemos saber se a crônica realmente foi escrita pelo autor que anunciam.

CAPÍTULO 3

CLARICE LISPECTOR: A CRONISTA DO AMOR E DA AMIZADE

Para fins de análise, apresentamos neste capítulo, o exemplar intitulado *Crônicas para jovens: de amor e amizade*, organizado por Pedro Karp Vasquez, a partir de seleção do repertório de Clarice Lispector, lançado pela editora Lendo e Aprendendo Ltda e distribuído as escolas públicas pelo Fundo Nacional para Desenvolvimento da Educação – FNDE/ 2013.

O livro é uma seleção de 43 crônicas, preparada para aproximar os leitores dessa autora considerada não só uma das mais importantes do Brasil, como uma das maiores escritoras de língua portuguesa de todos os tempos. Trata-se de uma coletânea de textos diversificados baseados em fatos do cotidiano, assuntos relacionados a sentimentos como o amor e a amizade, assim como o próprio título mostra. No exemplar, os títulos escolhidos por Clarice são os seguintes: “Amor Imorredouro”, “A favor do medo”, “Uma revolta”, “A descoberta do mundo”, “Ao que leva o amor”, “Quem escreveu isto?”, “Vida natural”, “Um homem”, “Homem se ajoelhar”, “Por não estarem distraídos”, “O primeiro beijo”, “Viagem de trem”, “Desencontro”, “A comunicação muda”, “O presente”, “Mas há a vida”, “Dar-se enfim”, “Por causa de um bule de bico rachado”, “Por quê?”, “Sem aviso”, “Uma história de tanto amor”, “Nossa truculência”, “Amor”, “Amor, quati, cão, feminino e masculino”, “As grandes punições”, “Lúcio Cardoso”, “As dores da sobrevivência: Sérgio Porto”, “San Tiago”, “Tanto esforço”, “Prece por um padre”, “Um pedido”, “O grito”, “O suéter”, “Olhava longe, sem rancor”, “Liberdade”, “Amor a Ele”, “Três encontros que são quatro”, “Dies Irae”, “O grupo”, “Supondo o certo”, “Os grandes amigos”, “Uma experiência” e “Saudade”.

Como podemos perceber, os títulos clariceanos escolhidos para o exemplar em questão são bastante simples e prosaicos, o que revela que a autora se ocupou do cotidiano, matéria prima da crônica, gênero estudado no capítulo anterior. Na sequência de nosso estudo, 06 exemplares desse conjunto serão analisados tendo em comum a temática do amor e da amizade, uma constante na obra cronística clariceana.

3.1 Sobre a amizade

A amizade é um tema bastante recorrente na literatura, sendo assim não poderíamos deixar de fazer uma abordagem sobre o assunto, do ponto de vista de Marco Túlio Cícero, que

escreveu o livro *Sobre a amizade*, um tratado no qual diz reproduzir uma conversa entre amigos, e Francisco Ortega, autor do livro *Genealogias da amizade*.

Cícero defende a ideia que a amizade une os justos e os virtuosos, ultrapassa a morte, sendo que tem a capacidade de perpetuar a memória daqueles que partiram. Segundo ele, só pode existir amizade entre pessoas de bem, uma amizade só é verdadeira quando envolve sentimentos bons, com base na sinceridade, pois sem ela não há possibilidade de durar.

A amizade nada mais é, com efeito, que um entendimento perfeito em todas as coisas, divinas e humanas, acompanhado de generosidade e afeição mútua, e, tirante a sabedoria, não creio que os deuses imortais tenham dado ao homem algo melhor que ela. (CÍCERO, 2006, p.24).

Com essas palavras, o filósofo nos adverte sobre o conhecimento de um dos mais nobres laços que unem o ser humano: a amizade. Tal sentimento, lido nas palavras de Cícero, pode ser encontrado por diferentes circunstâncias da vida, independente de condições de classes ou valores sociais, e Clarice, em sua obra, não indiferente a tal constatação.

Uma outra passagem da obra, revela algumas regras que a amizade exige, entre elas, este sentimento deve estar presente na prosperidade e na adversidade, unindo os seres do mundo, separando-os apenas pela discórdia, contudo as verdadeiras amizades são eternas.

Ainda segundo o tratado de Cícero (2006, p. 43), na amizade não há nada de fingido, nada simulado: tudo é verdadeiro e sincero. Sentimento pelo próximo baseado na honestidade. Os que fazem da amizade um objeto para conseguir dinheiro ou um lugar de prestígio na sociedade em que vivem não são dignos dela, não compartilhando da afeição agradável gerada pelo sentimento sincero. Sendo assim, devemos tomar cuidado ao escolher os amigos, para não nos enganarmos e sentirmos afeto por alguém que um dia passaríamos a odiar. A respeito dessa escolha Cícero (2006, p. 81), colabora da seguinte forma: a base da estabilidade e da constância que buscamos na amizade é a sinceridade: com efeito, sem ela, nada é estável. É preciso, ainda, escolher como amigo alguém de temperamento franco, sociável e simpático, isto é, que goste das mesmas coisas que nós.

O que é de suma importância lembrar sobre o amor e a amizade, citando Cícero (2006, p.115), as duas palavras derivam do verbo amar, e amar nada mais é do que sentir afeto pelo ser que se ama, sem pensar em necessidade de um, ou proveito do outro, apesar de que, o proveito, mesmo se não procuramos, vem por si, como resultado da amizade.

Ainda sobre a amizade, seguindo uma abordagem filosófica, Ortega (2002, p. 39), Aristóteles define a “amizade perfeita” como “benevolência recíproca”, em que o amigo é amado por si mesmo, sendo esta útil e agradável.

Diante de Platão, mesmo o homem bom não é auto-suficiente e precisa de amigos. A presença do amigo não faz nos sentirmos felizes, mas é necessária, não só porque o homem é um ser social, mas uma vez que, na condição de agentes absorvidos na própria ação, não temos a distância necessária que permite determinar o significado e valor pleno das ações boas, parte constitutiva da felicidade. (ORTEGA, 2002, p. 41)

Como vimos na concepção de Platão não é o amigo que nos traz o sentimento de felicidade, contudo se esse amigo for bom e presente em todos os momentos, será então parte dessa felicidade.

Na Grécia antiga, por volta do século V.a.c, a concepção de amizade era completamente diferente da que conhecemos hoje. Francisco Ortega apresenta resumidamente como a amizade era vista na Grécia homérica.

[...] não aparece definida de uma forma clara, existindo numerosos tipos e noções. Principalmente as formas de amizade eram ligadas ao parentesco, encontrando nele sua origem. Tratava-se de relações institucionalizadas e ritualizadas, muitas delas já dadas e standardizadas, as quais deixavam pouco espaço para a liberdade de escolha, espontaneidade e preferências pessoais. Este tipo de amizade exercia as funções de coesão social e proteção em um mundo descentralizado que não podia garantir a vida dos indivíduos, representando uma possibilidade de assegurar a existência e a manutenção da sociedade. (ORTEGA, 2002, p.23).

Na época clássica, a sociedade sofre algumas transformações que permitiram a criação de vínculos sociais e emocionais, além de ampliar o espaço social desse indivíduo.

Para Platão, a amizade está diretamente ligada à sexualidade do ser humano, refletindo o amor e a homossexualidade dos homens, porém não iremos aprofundar esta questão. Seguindo a linha de teorias sobre amizade, Aristóteles deixa de lado a passividade platônica para se referir a este sentimento como uma atividade propriamente filosófica.

Parece que o amor é uma emoção e a amizade é uma disposição de caráter; de fato, pode-se sentir amor também por coisas inanimadas, mas o amor recíproco pressupõe escolha e a escolha tem origem numa disposição de caráter; além disso, desejamos bem as pessoas que amamos pelo que elas são, e não em decorrência de um sentimento, mas de uma disposição de caráter. (ORTEGA, 2002, p.37).

A partir de então, a amizade passa a ser vista com uma determinada atitude moral e intelectual, demonstrando recíproco afeto entre os amigos, em que um deseja o bem para o outro, com livre escolha.

Na Roma antiga, essa amizade passa a ter outra definição, já que não possuía o mesmo significado cultural, diminuindo assim o forte investimento emocional e erótico que aparecia na Grécia. Em Ortega temos a seguinte ideia a esse respeito:

A amicitia é, por um lado, uma relação baseada na afeição livre, o que exclui associações econômicas, comunidades religiosas e jurídicas e relações de parentesco. Eram consideradas, por outro lado, como formas de amicitia, as associações políticas estabelecidas entre os nobres para se apoiarem em assuntos de política interna e externa e em eleições de cargos públicos. (ORTEGA, 2002, P.47)

Assim, podemos perceber que a amizade romana, a princípio era uma afeição livre, porém com grande responsabilidade política. Durante a modernidade, a amizade e o parentesco estão unidos, já que o indivíduo não passa todo tempo com as famílias, a partir de então tem contato com outras pessoas através da educação e socialização. Neste período este sentimento passou a ter um sentido mais próximo do que conhecemos hoje:

A nova amizade será mais íntima, mais privada, mais afetiva e exclusiva, e, em consequência menos política. Uma amizade que, segundo Dupont de Nemours não difere do amor “senão por algumas nuances de prazer físico, algo de que ela mesma não está privada”, já que como ele, a amizade tem “desejos, carícias, lágrimas, sorrisos, batimentos de coração, uma volúpia, inquietações delicadas que chegam até o ciúme”. (ORTEGA, 2002, P.139)

Na atualidade, as relações de amizade estão presentes na família, entre pais e filhos, irmãos, e nas relações profissionais e em todo segmento da sociedade. No mundo virtual os laços de amizade se estreitaram ainda mais, com o uso das redes sociais podemos ter contato com amigos de todos os lugares do mundo, não permitindo que este sentimento caísse no esquecimento.

3.1.1. Sobre a amizade em Clarice Lispector

Conforme já mencionamos a amizade tem sido um tema caro à obra clariceana. Nesse estudo, as crônicas “Liberdade”, “Lúcio Cardoso”, “As grandes punições” serão interpretadas e aproximadas por essa temática, que então se faz como um elemento comum:

Na pequena crônica intitulada por “Liberdade”, encontramos, literalmente, o exercício libertário clariceano. Por se tratar de um texto curso, Clarice demonstra que não se enquadrava em qualquer padrão de escrita, incluindo o número mínimo ou máximo de linhas escritas para uma composição. Em cena, pois a pequena crônica remete o leitor a imagens de uma cena teatral, na qual um diálogo travado entre duas amigas resume o sentido de liberdade: “Com uma amiga chegamos a um tal ponto de simplicidade ou liberdade que às vezes eu telefono e ela responde: não estou com vontade de falar. Então eu digo até logo e vou fazer outra coisa.” (LISPECTOR, 2011, 117).

Como podemos perceber, o emprego da primeira pessoa, transfere o tom de simplicidade à cena narrada e se nos permitirmos encontrar certo tom confessional ou biográfico na crônica, perceberemos a própria Clarice transformando um fato do cotidiano em lição filosófica sobre as relações humanas.

Em “Lúcio Cardoso”, o foco narrativo está em primeira pessoa, personagem secundária que comenta o drama do protagonista. Além do narrador identificamos Lúcio, como personagem principal, pois é em torno dele que a narrativa acontece.

O narrador inicia declarando as saudades que sente do amigo, dividida em duas fases: primeira saudade narra à doença e as sequelas deixadas por tal doença, “A primeira vez quando você adoeceu repentinamente, em plena vida. Você que era a vida. Não morreu da doença. Continuou vivendo, porém era homem que não escrevia mais, ele que até então escrevera por uma compulsão eterna gloriosa.” (LISPECTOR, 2011, p.89), em seguida “A segunda saudade foi já perto do fim” (LISPECTOR, 2011, p.90), que foi desde que Lúcio estava em um hospital, em estado de coma, até sua morte, lembrando dos momentos bons que passaram juntos.

Nesta crônica identificamos na particular ficção de Clarice Lispector traços da realidade. Nota-se que a amizade quando é verdadeira ultrapassa a morte, perpetuando esse sentimento pelo amigo na memória, uma passagem do texto demonstra isso, “Assim como Lúcio não está morto dentro de mim”. (LISPECTOR, 2011, p. 92).

Como em outras de suas crônicas, a autora cita como personagens nomes de outros escritores, seus amigos, muitas vezes utilizando até em títulos, como é o caso desta e outras, como “As dores da sobrevivência: Sérgio Porto”. Verificamos nesta e em outras crônicas da escritora a autobiografia, característica peculiar a obra clariceana.

Na crônica “A grandes punições” a narração, assim com na anterior, é feita em primeira pessoa, porém com uma diferença, o narrador é personagem principal que narra sua própria história, as personagens são Clarice e Leopoldo. A história começa contando uma

passagem que aconteceu com a protagonista e o amigo. Quando crianças davam muito trabalho para a professora, considerados “impossíveis” da sala. Tinham boas notas, mas o comportamento não era dos melhores. Certo dia a diretora da escola propôs um teste do nível mental das crianças, a professora chamou os dois e encaminhou-os para a sala do quarto ano dizendo que fizessem um teste. Feito isto, Clarice se desesperou, começando a chorar, acreditando ser uma punição divina pelo mau comportamento. Chegaram à sala do quarto ano, com crianças maiores, o desespero só aumentou. Receberam os testes, Leopoldo, amigo, permanecia tranqüilo, enquanto que Clarice estava em pânico, soluçando de tanto chorar. O amigo, num ato de proteção disse que se acalmasse e respondesse o que sabia. Mas ela só chorava, não escreveu nada. A professora encerrou o teste e explicou a ela a verdadeira causa desse exame. Clarice mudou de escola no terceiro ano e reencontrou Leopoldo e ele continuou a protegê-la. Algum tempo depois ela se mudou para o Rio de Janeiro com a família, e só viu o amigo novamente quando já eram adultos, mas quase nem se falaram. Leopoldo se tornou um grande matemático e Clarice só chorava menos que na infância.

Nesta crônica identificamos traços autobiográficos, segundo Nádya Battella Gotlib, Clarice Lispector escreve sobre acontecimentos reais de sua infância. Leopoldo é um personagem baseado nem um colega do ginásio, Leopoldo Nachbin um futuro matemático. A narrativa se inicia com a exposição do espaço: “Foi no primeiro dia de aula do Jardim de Infância do Grupo Escolar João Barbalho, na rua formosa, em Recife, que encontrei Leopoldo.” (LISPECTOR, 2011, p.85). Num outro momento surge um novo espaço “No terceiro ano primário mudei de escola. E no exame de admissão para o Ginásio Pernambuco, logo de entrada, reencontrei Leopoldo, e foi como se não nos tivéssemos separado” (LISPECTOR, 2011, 87). A temática da amizade é muito clara nesta crônica, já que a narradora utiliza de recursos da realidade para demonstrar a importância dessa relação de proteção que existe entre verdadeiros amigos.

3.2. Sobre o amor

Amor² 1. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem. 2. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro, ou a uma coisa. 3. Inclinação ditada por laços de família. 4. Inclinação sexual forte por outra pessoa. 5. Afeição, amizade, simpatia. 6. O objeto do amor (1 a 5).

Assim como a amizade, o amor está presente na literatura desde a antiguidade até os dias atuais. Faremos algumas considerações a cerca da origem do amor tendo como ponto de partida a mitologia. O autor Thomas Bulfinch, apresenta em seu livro denominado *O livro de ouro da mitologia – histórias de deuses e heróis*, o mito que revela a origem do amor:

Júpiter ou Jove (Zeus), embora chamado pai dos deuses e dos homens, tivera um começo. Seu pai foi Saturno (Cronos) e sua mãe Reia (Ops). Saturno e Reia pertenciam à raça dos Titãs, filhos da Terra e do Céu, que surgiram do Caos, [...] Havia outra cosmogonia, ou versão, sobre a criação, de acordo com a qual a Terra, o Erebo e o Amor foram os primeiros seres. O amor (Eros) nasceu do ovo da Noite, que flutuava no Caos. Com suas setas e sua tocha, atingia e animava todas as coisas, espalhando a vida e a alegria. (BULFINCH, 2002, p. 11)

Ainda segundo Bulfinch (2002, p.13), há ainda outra versão sobre a origem do amor, Eros (também conhecido como Cupido), deus do amor, era filho de Vênus, e seu companheiro constante. Armado com seu arco desfechava as setas do desejo no coração dos deuses e dos homens. Como vimos, a origem do amor é um tanto quanto confusa, mas o que sem dúvida prevalece é que esse sentimento espalha vida e alegria.

Seguindo esta abordagem mitológica sobre o amor, representado por um deus, Platão oferece uma contribuição a esse respeito, através de seu livro *O banquete*, este que é de grande influência na filosofia clássica. O discurso dessa obra tenta de alguma forma por fim ao enigma que envolve o amor. Para alguns filósofos, que segundo Platão (2000, p.10) fizeram parte desse banquete, o amor é para o ser humano a causa dos maiores bens, nada pode causar tanto bem quanto esse sentimento, além disso, traz felicidade aos homens. O amor não está apenas nas almas, mas também nas plantas, nos animais, nos objetos, ou seja, em todos os seres que vivem nesta Terra. O poder do amor é múltiplo e universal, através dele se consuma a sabedoria e a justiça, capaz de manter não só o amor-paixão como a amizade.

² Termo do Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2001, p. 39.

Discutem também o encontro da “alma gêmea”, ou a própria metade como podemos ver a seguir:

Quando então se encontra com aquele mesmo que é a sua própria metade, tanto o amante do jovem como qualquer outro, então extraordinárias são as emoções que sentem, de amizade, intimidade e amor, a ponto de não quererem por assim dizer separar-se um do outro nem por um pequeno momento. E os que continuam um com o outro pela vida afora são estes, os quais nem saberiam dizer o que querem que lhes venha da parte de um ao outro. [...] o motivo disso é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo; é portanto ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor. Anteriormente, como estou dizendo, nós éramos um só, e agora é que, por causa da nossa injustiça, fomos separados pelo deus. (PLATÃO, 2000, p. 16)

Dessa forma, podemos entender que todo ser humano vive a procura de alguém para amar, que complete a sua vida com sentimentos bons, algo que dure eternamente. Esse sentimento pode se manifestar de várias formas: amor entre filhos e pais, amigos, membros familiares, entre outros, não necessariamente entre homem e mulher.

3.2.1. Sobre o amor em Clarice Lispector

Na sequência serão analisadas as crônicas de Clarice com a temática do amor. Entre elas estão: “Por causa de um bule de bico rachado”, “Amor imorredouro” e “O primeiro beijo”.

A crônica “Por causa de um bule de bico rachado” apresenta o narrador em terceira pessoa, conta a história de um jovem casal, Bob Douglas e Jane, que viviam felizes até que por uma discussão simplória quando estavam nervosos desencadeou a separação. Depois do acontecido, o marido, desapareceu. Passado algum tempo ele se arrepende do que fez e tenta se reconciliar com a esposa, porém sem sucesso. Não que ela não quisesse, mas as circunstâncias os impediram de se reencontrar até o fim da narrativa.

O narrador deixa uma incógnita no final, diz não saber o fim da história, assim como os leitores não saberão. Assim como toda a obra de Clarice Lispector, é visível o mistério na sua escrita. Precisamente nesta crônica não identificamos um desfecho na história, deixando um suspense do que teria acontecido com o casal protagonista.

O espaço da crônica modifica várias vezes, inicia em Londres, segue em Paris, norte da África e Indochina.

A segunda crônica “Amor imorredouro”, é narrada em primeira pessoa, inicia o texto falando um pouco sobre a função de cronista, “Ainda continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica.” (LISPECTOR, 2011, p. 15). Além de declarar sua dificuldade em escrever para ganhar dinheiro “E sinto-me se como estivesse vendendo minha alma” (LISPECTOR, 2011, p. 15), e em assinar seus textos, para não parecer muito pessoal ao seu leitor. A autora sente-se como que vendendo a alma porque escrevia muitas vezes sobre sua vida, memórias e conflitos da sua própria alma. Clarice faz confissões ao seu leitor sobre o ato de escrever, estreitando ainda mais os laços intimistas da sua obra, dirigindo se da forma mais informal possível “Vendo, pois, para vocês com maior prazer uma certa parte de minha alma – a parte de conversa de sábado” (LISPECTOR, 2011, p. 15).

Narra ainda, que se atrapalha na escolha dos assuntos, interrogando seus amigos, tanto homens como mulheres sobre seus interesses, partindo daí fala sobre o interesse das mulheres pelos homens, pois assim toca num ponto que causa dor.

Conta também a entrevista que fez com um espanhol, chofer de táxi, como de costume, já que em outras narrativas lembra o mesmo assunto. Durante a conversa ele lhe diz que amou uma jovem espanhola, numa “cidadezinha” da Espanha. A jovem adoeceu, e por falta de médicos, morreu em seus braços.

“O ambiente todo lembrava-lhe Clarita – este é o nome da moça morta, o que me assustou porque quase era meu nome e senti-me morta e amada.” (LISPECTOR, 2011, p. 18). Essa passagem da crônica traz toda a subjetividade na escrita de Clarice, pois ela se coloca no lugar da personagem pela semelhança com seu nome.

Após anos de sofrimento conseguiu refazer a vida no Brasil, onde enriqueceu, porém nada mais tinha importância, vendeu tudo que possuía e se tornou um chofer de táxi. Por catorze anos nunca amou ninguém, contudo não deixou de viver. Ou seja, esteve com outras mulheres, mas nenhuma lhe despertou amor. Daí o título dessa crônica, “amor imorredouro”, amor que não morre jamais.

A terceira crônica “O primeiro beijo” é narrada em terceira pessoa. Inicia com a conversa entre namorados, até que em certo momento surge a pergunta “Você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?” (LISPECTOR, 2011, p. 45), desencadeando certo ciúme. Contudo, esse não é o foco principal da narrativa.

A partir desta pergunta começa a história que intitula a crônica, “o primeiro beijo” do protagonista.

Um garoto numa viagem de excursão em meio à “bagunça” dos outros garotos. Ele às vezes ficava quieto, apenas sentindo a brisa que entrava pela janela, mas enquanto brincava com os colegas sentia sua garganta seca. Com sede e sem nenhuma água para matá-la, juntava saliva na boca e engolia, mas não resolvia. O calor esquentava até a brisa, que por um momento dava a sensação de frescor, aumentando ainda mais a sede. O garoto olhava pela janela, procurando por um lugar que tivesse água. Até que então surgira na estrada um chafariz, de onde saía a tão esperada água. O ônibus parou para que todos pudessem matar a sede, mas ele foi o primeiro, com os olhos fechados encostou a boca onde saía aquela água, bebendo até matar a sua sede. Quando abriu os olhos percebeu que o chafariz era a estátua de uma mulher de pedra. Surge então, na sua mente confusa a ideia que teria beijado uma mulher. Esta confusão causa-lhe uma explosão de sentimentos, fazendo com que seu corpo reagisse a tudo isso. Contudo, viu sua vida se transformar, descobrindo que a partir daquele momento se tornaria um homem.

Esta crônica abrange a descoberta da paixão e da sexualidade masculina, através do amor na adolescência. A autora utiliza de metáforas para transmitir o verdadeiro sentido das palavras, o primeiro beijo seria como a sede de água, “sua sede de anos”, pois nunca antes havia beijado ninguém. Esta se de fora saciada pelo beijo de uma mulher de pedra. Demonstra ainda uma passagem do cotidiano, já que todos passamos por esta transformação criança em adultos.

O espaço é descrito no texto, se passa numa viagem de ônibus, na subida de uma serra “O ônibus da excursão subia lentamente a serra” (LISPECTOR, 2011, p.45). Neste texto identificamos a facilidade da escritora em tratar dos sentimentos, demonstrando uma grande sensibilidade diante de seus leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do livro *Crônicas para jovens: de amor e amizade* para realizar a análise se deu pelo fato de se tratar de temas comuns ao cotidiano do brasileiro, presentes na vida do ser humano desde o seu surgimento.

O estudo da vida e obra de Clarice Lispector nos mostrou o quanto a sua escrita apresenta-se autobiográfica. Em várias de suas crônicas a escritora narra fatos de sua vida, lembranças, amigos, medos, sensações, com uma pitada de ficção, o que a torna um tanto quanto confessional, aproximando-se ainda mais do seu leitor.

Sobre o gênero textual estudado durante o segundo capítulo temos a seguinte conclusão: a crônica é de difícil definição e está sempre relacionando a realidade e ficção, muitas vezes nos dando a impressão que é um fato real apenas narrado. Clarice Lispector escrevia de maneira muito pessoal, aproximando o leitor de crônicas dando uma sensação de intimidade. Em alguns textos a autora se dirige diretamente ao seu público.

Sobre a temática abordada na coletânea analisada percebemos que tanto o amor como a amizade são sentimentos envolvidos por certo mistério, difíceis de definir e encontrar sua verdadeira origem. São sentimentos oriundos do ser humano, pois quem nunca sofreu por amor, ou teve uma desilusão amorosa, ou ainda uma decepção com um amigo querido. Esses temas nos dão margem para uma nova pesquisa e possível aprofundamento do tema, tanto na obra de Clarice Lispector como em outros escritores da literatura.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI, Davi Jr. “Fragmentos sobre crônica”; in: *Enigma e comentário: ensaios sobre Literatura e experiência*. São Paulo, Companhia da Letras, 1987.
- BULFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis. 26ª ed. Rio de Janeiro, 2002. Tradução de David Jardim Júnior. Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digitalsource.htm>. Acesso em: 3 nov. 2016.
- CANDIDO, Antônio (org). “A vida ao rés-do-chão”; in: *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Sobre a amizade*. São Paulo, Editora Nova Alexandrina, 2006. Tradução de João Teodoro D’Olim Marote.
- COUTINHO, Afrânio. “Ensaio e crônica”; in: *A literatura no Brasil*. 4ª Ed. São Paulo, Editora Global, 1997.
- COUTINHO, Afrânio. “O modernismo na ficção”; in: *A literatura no Brasil*. 7ª Ed. São Paulo, Editora Global, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2001.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Clarice Lispector: vida e obra*. Disponível em: <http://www.ims.com.br/claricelispector.htm>. Acesso em: 15 de jul. 2015.
- LISPECTOR, Clarice. *Crônicas para jovens: de amor e amizade*. Rio de Janeiro, Lendo e Aprendendo, 2011.
- ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo, Editora Iluminuras, 2002.
- PLATÃO, *O banquete*. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/obanquete.htm>. Acesso em: 21 de jul. 2016.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo, Ática, 2002.

